



Capítulo

4

**A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR
NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

THE IMPORTANCE OF SCHOOL ASSESSMENT IN THE TEACHING- LEARNING PROCESS

Paulo Sergio De Moraes¹

Resumo: O presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância da avaliação escolar no processo de ensino-aprendizagem. No que se refere a justificativa para escolha pelo tema, no diz respeito a sua relevância e pertinência, como um elemento próprio e indissociável do processo ensino aprendizagem, a avaliação assume diferentes características e objetivos na escola, ela se concentra em parte dos casos no campo dos resultados, preocupada com a medição do aprendizado, e até mesmo coma punição daqueles que não atenderam os objetivos proposto e dificilmente é vista como elemento de ensino e aprendizagem. Este assunto pode contribuir para reflexão do processo avaliativo, numa perspectiva que veja a avaliação para além de um problema dos professores, mas sim como uma discussão que pode contribuir para um melhor conhecimento dos problemas educacionais, que através de processos fragilizados de avaliação podem levar ao fracasso escolar, aprendizagem deficitária, sem contribuir para a formação de jovens cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. O estudo realizado trata-se de uma pesquisa bibliográfica, ao qual, utilizou-se de livros, artigos, entre outros estudos como embasamento teórico. A avaliação dos alunos com base em testes escritos tem limitações significativas. Muitas escolas usam esses testes para avaliar a capacidade dos alunos, em vez de seu conhecimento. Os professores acham difícil avaliar os resultados mais importantes de seu ensino, como compreensão, originalidade e habilidades de resolução de problemas. Isso ocorre porque

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduado em Letras-Português e Inglês pela Universidade do Contestado (UnC)



a maioria dos exercícios em livros didáticos e tarefas dadas pelos professores concentram-se nessas qualidades. Escolas, professores e pais precisam de provas quantitativas e qualitativas dos resultados de aprendizagem de seus alunos para avaliar o trabalho realizado. Essas ferramentas incluem testes escritos e outros métodos de verificação. Por mais que um professor se esforce para incutir motivação em seus alunos, ele nunca conseguirá inspirá-los por conta própria a estudar. As crianças precisam de estímulos externos para exercitar suas energias físicas e intelectuais.

Palavras-chave: Avaliação. Escola. Aprendizagem.

Abstract: The general objective of this study is to analyze the importance of school assessment in the teaching-learning process. With regard to the justification for choosing the topic, with regard to its relevance and pertinence, as a proper and inseparable element of the teaching-learning process, the assessment takes on different characteristics and objectives in the school, it focuses on part of the cases in the field of results, concerned with measuring learning, and even punishing those who did not meet the proposed objectives and is hardly seen as an element of teaching and learning. This subject can contribute to reflection on the evaluation process, from a perspective that sees evaluation beyond a teacher problem, but rather as a discussion that can contribute to a better understanding of educational problems, which through weakened evaluation processes can lead to school failure, poor learning, without contributing to the formation of young critical citizens aware of their role in society. The study carried out is a bibliographical research, which used books, articles, among other studies as a theoretical basis. Assessment of students based on written tests has significant limitations. Many schools use these tests to assess students' ability rather than their knowledge. Teachers find it difficult to evaluate the most important outcomes of their teaching, such as understanding, originality and problem-solving skills. This is because most exercises in textbooks and assignments given by teachers focus on these qualities. Schools, teachers and parents need quantitative and qualitative evidence of their students' learning outcomes to evaluate the work done. These tools include written tests and other verification methods. No



matter how hard a teacher tries to instill motivation in his students, he will never be able to inspire them to study on his own. Children need external stimuli to exercise their physical and intellectual energy.

Keywords: Assessment. School. Learning.

INTRODUÇÃO

A avaliação pode se dá em diferentes vertentes, como parte do próprio processo e aplicada pelo professor. Esse tema tem sido pesquisado e discutido entre os educadores que se preocupam com a oferta de uma educação de qualidade, onde muito mais do que o acesso do aluno à escola, lhe seja garantida a permanência e o sucesso do aluno em sala. Atentos a importância de se avaliar a qualidade da educação o Ministério da Educação a nível nacional criou o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) (1990), posteriormente complementado com a Prova Brasil (2005) e a consequente constituição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em 2007. Tais iniciativas do MEC demonstram a importância do tema avaliação no processo ensino aprendizagem.

Alguns estudos sobre o tema avaliação apontam que existe uma necessidade de se rever os modelos avaliativos e os instrumentos de avaliação adotados atualmente na escola. Nesse contexto, deve-se se o professor deve considerar que para realizar a avaliação, alguns aspectos que interferem na condução do seu processo avaliativo, ou seja, os dados relevantes que permitam o reconhecimento da aprendizagem do aluno, a forma de avaliar que mais se aproxime e melhor atenda à metodologia trabalhada em sala de aula.

Avaliação é um tema indissociável do processo de ensino aprendizagem, sua complexidade transcende os diferentes níveis e modalidades da educação. Contudo, a pesquisa buscará responder a seguinte problemática: Qual a importância da avaliação escolar no processo de ensino-aprendizagem?

Pesquisar sobre avaliação da aprendizagem, é de suma importância, pois possibilita, a partir de questionamentos, configurar reflexões sobre as práticas avaliativas dos professores, verificando as



diferentes perspectivas que promovam a produção de conhecimentos, contribuindo para a qualidade de ensino na formação cidadã dos alunos.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância da avaliação escolar no processo de ensino-aprendizagem.

No que se refere a justificativa para escolha pelo tema, no diz respeito a sua relevância e pertinência, como um elemento próprio e indissociável do processo ensino aprendizagem, a avaliação assume diferentes características e objetivos na escola, ela se concentra em parte dos casos no campo dos resultados, preocupada com a medição do aprendizado, e até mesmo com a punição daqueles que não atenderam os objetivos proposto e dificilmente é vista como elemento de ensino e aprendizagem.

A relevância acadêmica do tema se dá pela pretensão de realizar uma pesquisa dentro de um âmbito ainda pouco explorado que é justamente a avaliação. Trazendo contribuições para a reflexão de professores e estudiosos sobre a temática, e considerando que novos modelos avaliativos podem ser explorados e utilizados com melhor eficácia, vencendo velhas práticas arraigadas a avaliação escolar no ensino médio.

Este assunto pode contribuir para reflexão do processo avaliativo, numa perspectiva que veja a avaliação para além de um problema dos professores, mas sim como uma discussão que pode contribuir para um melhor conhecimento dos problemas educacionais, que através de processos fragilizados de avaliação podem levar ao fracasso escolar, aprendizagem deficitária, sem contribuir para a formação de jovens cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

A pesquisa parte das inquietações deste pesquisador enquanto professor do ensino médio, e das vivências com outros educadores, onde a avaliação, tema de reuniões e conselhos de classe, sempre se mostra como um ponto de fragilidade e discordâncias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

OS TIPOS DE AVALIAÇÕES E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM



No que concerne às denominações, podemos dizer que o modelo de avaliação na forma escrita confunde-se, para muitos, com o próprio ato de avaliar em si, sendo equiparado quase que a um método ou modelo a ser seguido por todos que esperam um bom rendimento. É comum vermos nas instituições e na boca de alguns profissionais em educação a confusão que existe em relação ao método avaliativo e o que a sua prática realmente quer dizer (ARREDONDO; DIAGO, 2009).

Segundo Arredondo e Diago (2009), instrumento avaliativo é uma ferramenta específica ou um material estruturado que é aplicado para o recolhimento de dados, de um jeito sistematizado e objetivo. O autor esclarecendo relatando que o instrumento avaliativo é o recurso necessário que se utiliza de uma técnica específica, ou seja, o professor necessita fazer a escolha correta de um instrumento que o mesmo possa lhe trazer dados do conhecimento do aluno que sejam relevantes e claros.

Se faz necessário que o professor conheça os diversos instrumentos avaliativos, para que possa saber utilizar de forma coerente onde em cada processo de avaliação, conforme já foi mencionado a própria LDB Lei 9394/96 enseja que, a avaliação possa ser contínua, seguindo tais normas, o professor avalie constantemente seus alunos. Sendo assim, o professor não deve buscar apenas um único instrumento avaliativo, mas sim utilizá-los em variação para que possa ser mais eficaz na verificação processual da aprendizagem dos alunos. Sobre a variação do uso dos instrumentos avaliativos para a aprendizagem, a legislação da educação brasileira em vigor, afirma que:

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

- I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

Conforme o primeiro inciso do artigo citado acima é necessário utilizar de proposta peda-



gógica que vem a ser essa, uma composição da variação dos instrumentos avaliativos, para enfim promover então uma melhor qualidade de ensino ao aluno.

Para melhor exemplificar o sentido que este método de avaliação recebe, iniciaremos (inicia-se) pela semântica da palavra de acordo com o minidicionário escolar da língua portuguesa Rios (2009, p. 17), onde encontra-se:

1. Aquilo que mostra a veracidade ou realidade. 2. Testemunho. 3. Sinal, indício. 4. Documento justificativo. 5. Porfia. 6. Concurso. 7. Exame ou cada uma das partes dele. 8. Experiência, ensaio. 9. Verificação de uma operação aritmética. 10. Ato de ingerir ou degustar pequena porção de comida ou bebida para experimentar-lhe o paladar. 11. Transe doloroso ou provação. 12. Folha impressa em que se fazem correções tipográficas. 13. Experiências para verificar se a roupa assentará bem. 14. Competição entre esportistas, que consiste em corrida.

O que fica claro, dentro de tal análise com descrição na língua é que a prova não constitui-se como meio de avaliar o aluno em todos os aspectos. E no mais, ela pode ser diversas vezes nem mesmo adequada para caracterizar ou a não efetiva aprendizagem do estudante no processo de educação. Geralmente, caso o docente ache necessário, pode utilizá-la como diagnóstico inicial da turma, para ter como ponto de referência de o que melhorar em aspectos qualitativos a sua atividade dentro da sala de aula.

Com base na estrutura desta palavra e sua serventia no decorrer do tempo, podemos ainda citar como fator vivo, a sua cientificidade, ou seja, seu caráter de mensurar por meio de uma metodologia científica a veracidade de determinados fatos, ações ou objetos. Neste sentido tem-se que a escola e o professor ao exercitar essa prática, estão de certo modo comparando o aluno e toda sua capacidade a meros fatores de fácil aferição, suscetíveis de medidas comuns como critérios de aprovação e reprovação a partir de um indicador comum, ignorando toda e qualquer singularidade inerente à raça humana.

Arredondo e Diago (2009), cita alguns instrumentos que o professor deve conhecer e fazer



o uso em sala de aula, como: a observação sistemática, trabalhos em classe, exames escritos, provas, entre outros, dessa maneira cabe ao professor analisar e verificar qual o melhor instrumento para coletar os dados de conhecimento de seus alunos, principalmente considerando a abordagem de ensino utilizada no decorrer de suas aulas.

Com essas considerações, pode-se fazer uma comparação em relação a abordagem tradicional, onde os alunos deveriam apenas memorizar o conteúdo, os testes na abordagem tradicional era do uso para a punição onde a nota está acima do conhecimento, portanto não participavam do processo de ensino - aprendizagem, pois para que a aprendizagem ocorra é necessário que o aluno tenha adquirido o conhecimento e isso não ocorria na abordagem tradicional (BARRIGA, 2003).

Atualmente, se tem o entendimento que o objetivo do professor é buscar que o aluno aprenda e compreenda o conteúdo e não apenas memorize, para que essa aprendizagem ocorra o professor deve ampliar sua forma de avaliar, não escolhendo um instrumento único que julgue ser melhor ou pior, mas considerando podem ser eficazes dependendo de como o professor formulá-los e aplicá-los (BRANDÃO, 2007).

Para Moretto (2010), este instrumento é considerado por muitos alunos e professores um mostro, entulho da educação, atraso pedagógico, entre outros aspectos, dessa maneira o autor relata que não é acabando com a prova que o processo de avaliação terá melhorias, mas sim dando um outro sentido no instrumento avaliativo.

Já Vasconcellos (2010), também comenta sobre a mudança do sentido do uso deste instrumento, considerando que é necessário que haja uma mudança no comportamento do avaliador em sala de aula, onde o professor busque uma finalidade no instrumento, e não aplicá-lo meramente para satisfazer o processo de avaliação da aprendizagem.

A prova pode ser um instrumento eficiente em sala de aula como afirma Sanmartí (2009, p.19):

A prova pode ser um instrumento regulador, pois evidencia erros e dificuldades e este deve ser visto como objeto de estudo e não como rejeição e puni-



ção. É importante entender que quando detectamos os erros que os alunos cometem, podemos propor-lhes tarefas complementares, revisar nossa forma de ajudá-los a compreender como e por que devem realizar determinadas tarefas.

Sendo assim, o professor precisa associar o uso do instrumento para não transformá-lo em um acerto de contas, onde geralmente alguns professores fazem da prova um meio de controlar a disciplina e dominar os alunos rebeldes, contribuindo para o desinteresse pelas aulas, pois com essas atitudes dos professores os alunos ficam desmotivados a estudar. Luckesi (2010, p. 165) esclarece que:

A avaliação no ensino assumiu a prática de provas e exames; o que gerou um desvio no uso da avaliação. Em vez de ser utilizada para a construção de resultados satisfatórios, tornou-se um meio para classificar os educando e decidir sobre os seus destinos no momento subsequente de sua vidas escolares. Em consequência desse seu modo de ser, teve agregado a si um significado de poder, que decide sobre a vida do educando, e não um meio de auxiliá-lo ao crescimento.

Na citação acima se pode constatar que a imposição de prova e exames aplicadas aos alunos assume o papel do uso da avaliação, esse ato gera um desvio no uso correto da avaliação causando ao aluno certa consequência no seu desenvolvimento escolar não sendo satisfatório na sua aprendizagem.

De acordo com Vasconcellos (2010), as provas causam muitos conflitos, alguns professores dizem que as provas dissertativas são ruins e outros dizem o mesmo das provas objetivas, onde cada instrumento é aplicado de forma diferente, sendo considerado que dentro de cada instrumento existem conteúdos e posturas para serem trabalhadas, pois esses instrumentos aplicados de forma coerente ao aluno apresentam resultados mais satisfatórios.

Vasconcellos (2010) faz os seguintes questionamentos referentes a provas, Quais são os problemas deste tipo de avaliação? Seria a prova um bom instrumento de avaliação? Na pesquisa do autor sobre como a prova vem sendo colocada pelos professores nas escolas, (p.125): aqui colocado para exemplificar a temática:



- * Dia marcado, duração rigidamente cronometrada, matéria determinada, papel especial, sempre individual e sem consulta;
- * Relação de desconfiança, distanciamento professor-aluno (Hoje esqueci tudo, A interpretação faz parte da prova, Agora é com vocês);
- * Pressão durante a resolução, complexidade maior que no cotidiano, feita para pegar o aluno, ver o que ele não sabe;
- * Apenas para gerar uma nota, tendo peso decisivo na média final;
- * Anunciada com antecedência como forma de ameaça;
- * Em cima de conteúdos de validade duvidosa; cumulativa para obrigarem os alunos a estudarem (= decorarem) matéria anterior;
- * Com o objetivo de ser um documento-álibe do professor (junto aos pais e a escola) na guerra contra os alunos.

Dessa maneira a avaliação deixa de ser aprendizagem e passa a ser considerada um ‘provação’ do saber do aluno, onde a prova é aplicada com o intuito de provar o aluno, e não como meio de verificar a aprendizagem, considerando-se, portanto a necessidade de ocorrerem mudanças no processo avaliativo como relata Moretto (2010), onde professor possa saber manusear os instrumentos avaliativos e escolher qual o melhor momento de utilizá-lo, o autor explica que o professor deve saber elaborar uma boa prova, contextualizando com os objetivos propostos, fazer perguntas de forma clara e precisa, colocando na prova apenas perguntas relevantes, e não colocar pegadinhas. Para o autor, o professor precisa ter outra concepção no momento da prova, o mesmo mostra a concepção de prova para os alunos:

Só se estuda se tiver prova.
 Só se estuda para a prova.
 Só se estuda se cair na prova.
 Só se estuda o que cair na prova (RONCA 1991 p.38).

Analisando assim, a prova é um momento privilegiado da aprendizagem, basta o professor saber utilizá-la onde os alunos possam realmente fazer desse momento avaliativo também um momento de aprendizagem.

Para que a prova tenha sucesso, o professor deve fazer do momento algo favorável, Moretto



(2010, p.31), argumenta que não são raros os alunos que dizem na hora da prova:

Professor, eu sabia tudo, eu estudei tudo, mas na hora da prova me deu branco, isso ocorre, onde no momento da prova os alunos passam por diversos sentimentos como a ansiedade, medo, angústia, alegria, tensão entre tantos outros, que fazem surgir no aluno o branco, que nada mais é que um apagão na memória em virtude do estado emocional. Dessa maneira cabe ao professor também fazer com que os alunos se sintam tranquilos no momento da avaliação, tirando a pressão da nota exercida sobre eles.

Dessa forma se a prova for utilizada de maneira correta, com o objetivo de verificar a aprendizagem dos alunos, e que os erros e dificuldades possam ser detectados, para continuidade da elaboração da aprendizagem, dessa forma a prova passará ser um instrumento avaliativo que pode ajudar inclusive na relação professor - aluno.

Ainda Sousa (1995) também relata que a retomada de instrumentos como a prova pode ser útil, quando se pretende oferecer ao aluno condição de enxergar o seu problema, ou seja, fazer com que o mesmo possa corrigir o que estava errado e assim não deixa passar em branco os conteúdos que não foram compreendidos, o erro não deve ser visto como algo ruim, mas como um recomeço, podendo trazer benefícios significativos para o crescimento do conhecimento do aluno e reorientar o planejamento do professor.

Para Villas Boas (2007, p.38),

As provas devem ser elaboradas de forma que sirvam para promover a aprendizagem, a autora exemplifica que o professor após a realização da prova e a análise feita por ele mesmo, deverá fazer devolutiva para o aluno em sala de aula, dando orientação para que sejam refeitas as questões que os alunos demonstraram dificuldades, dessa forma estará desenvolvendo a aprendizagem nos mesmos, pois, o que importa não é a nota, mas sim a aprendizagem.

Dessa maneira não adianta o aluno tem uma nota mais alta se apenas memorizou o conteúdo, o que importa na avaliação, é se realmente compreenderam o conteúdo e elaborou o conhecimento de



maneira significativa.

Assim, após a realização da prova pelo aluno, o professor deverá corrigi-la e verificar as dificuldades dos alunos, fazer a devolutiva e tomar uma decisão sobre o que realizar em seguida contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem.

Vasconcellos (2010, p.131), fala sobre tomadas de decisões após a avaliação, e dá alguns para o professor seguir:

- *Os objetivos não atingidos pelos alunos são retomados e retrabalhados imediatamente em sala de aula;
- *O professor faz a auto análise para saber se há necessidade de rever sua forma de ensinar aquele conteúdo;
- *Estes objetivos são incluídos na próxima avaliação, dando oportunidade de expressão da nova síntese do conhecimento e permitindo ao professor saber se os alunos superaram a dificuldade.

O autor revela que essa tomada de decisão é uma dimensão essencial da avaliação, pois é dessa maneira que o professor revela qual é sua intenção e compromisso com os alunos avaliados. Sendo assim, todos os instrumentos avaliativos devem ser bem formulados, trazendo ao professor as melhores informações sobre o desenvolvimento do conhecimento do aluno. O instrumento avaliativo deve ser um meio de aprofundamento do conhecimento, e não deve ser utilizado como meio de dificultar a aprendizagem do aluno.

O termo “escola”, como é usado no sistema educacional, refere-se a um local onde os alunos são educados. Este pode ser um lugar onde eles aprendem lições de vida ou se preparam para o futuro. No entanto, as escolas não deveriam ensinar valores sociais com os quais certas pessoas não concordam. Em vez disso, as escolas devem promover o pleno desenvolvimento de todos os alunos por meio de um sistema integrado de educação. Por isso, o propósito de uma escola deve ser sempre repensado a cada novo método de ensino e aula. É também por isso que as avaliações escolares precisam incluir conceitos filosóficos como educação e sociedade.

Avaliações eficazes requerem a consideração de um escopo mais amplo do que testes e notas.



Eles precisam considerar aspectos qualitativos, bem como formular julgamentos sobre as características dos alunos. Isso ocorre porque as escolas precisam de referências que não possam apenas verificar o material ou as atividades de aprendizagem – elas precisam ser claras ao avaliar a compreensão dos alunos sobre essas coisas. A educação eficaz requer que as avaliações sigam padrões estabelecidos. Isso ajuda os alunos a se desenvolverem social, emocional e cognitivamente, pois lhes dá a chance de praticar seus novos conhecimentos. Ao avaliar o desempenho dos alunos, os educadores precisam utilizar os padrões definidos pelo Sistema de Ensino.

O artigo 9º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define a responsabilidade do Governo Federal pela realização da avaliação nacional das notas dos alunos dos ensinos fundamental, médio e superior. Essas avaliações devem ser realizadas em cooperação com os sistemas educacionais para melhorar sua qualidade e definir suas propriedades. Além disso, o artigo 24, inciso V, afirma que as avaliações devem focar aspectos qualitativos sobre os quantitativos e continuar durante todo o desempenho do aluno, em vez de terminar com um exame final.

Os professores devem avaliar regularmente o progresso dos alunos e ajustar suas aulas às diversas necessidades dos alunos. Isso pode ser feito implementando avaliações regulares, incorporando recursos externos à sala de aula ou quaisquer outros métodos pedagógicos. As avaliações devem priorizar os resultados qualitativos do aluno sobre os resultados quantitativos. Devem também incorporar frequentemente trabalhos individuais e de grupo, bem como testes subjectivos e objectivos.

A escola deve usar tanto um processo democrático para avaliar sua pedagogia quanto o envolvimento de seus alunos. Eles também devem incluir todos os aspectos do processo de avaliação em seu sistema pedagógico geral. Os alunos devem poder participar no processo, ser ouvidos quando são avaliados, ter direito à informação e negociação e até manter privados alguns aspectos das suas avaliações. Isso permite que eles analisem seu contexto, desenvolvam a cultura e se tornem sujeitos de seu contexto histórico.

Os professores devem ajudar os alunos a entender seus sucessos e dificuldades por meio de avaliações. Esses instrumentos devem facilitar a reflexão contínua sobre seus métodos de ensino –



levando à criação de um plano prático que realmente beneficie os alunos.

Acredita-se que avaliar os alunos apenas com base nas notas não reflete com precisão o seu desenvolvimento. Em vez disso, as avaliações devem considerar os valores e atitudes dos alunos. Além disso, as atividades escolares não devem se concentrar apenas em tarefas e exames – os educadores também devem monitorar como os alunos crescem social e academicamente. Isso é importante porque permite que os alunos continuem aprendendo para ter sucesso na escola.

O trabalho de Luckesi (2001) define a avaliação como o ato de aceitar um aluno em seu ser e decidir como ser. Ao avaliar a situação atual, os alunos podem interagir com o mundo e melhorar suas vidas agindo.

O diálogo confiante e novos conhecimentos são fundamentais para o processo de avaliação. Isso incentiva o autocrescimento e o desejo de progredir em direção a novos conhecimentos à medida que o aluno explora sua nova visão de mundo.

Métodos de ensino e avaliação devem combinar entre si no que diz respeito à quantidade de complexidades intelectuais apresentadas. Isso significa que os professores não devem apresentar materiais fáceis para seus alunos aprenderem, mas sim pensar em como apresentar lições mais complicadas. Ao mesmo tempo, os alunos não devem ser avaliados com muita facilidade; em vez disso, devem ser avaliados com base no que já sabem. Isso ajuda os alunos a desenvolver sua autonomia e os ajuda a construir seus conhecimentos.

Os professores avaliam continuamente seu próprio ensino por meio de avaliações contínuas do progresso do aluno. Além disso, eles também devem considerar as circunstâncias únicas e os fatos históricos da vida dos alunos. Isso ocorre porque os alunos aprendem de forma eficaz apenas quando estão cercados por um ambiente propício ao seu crescimento individual. Os professores também devem estar atentos ao desenvolvimento cognitivo, psicológico e social de seus alunos. Com base nisso, eles podem desenvolver um plano para cada lição que permita flexibilidade e, ao mesmo tempo, garanta que os alunos aprendam. Isso porque ensinar é construir novos entendimentos e preparar os alunos para construí-los (MORETO 2002, p.58).



A Avaliação da Aprendizagem deve ser um instrumento pedagógico que não só mede o conhecimento do aluno (avaliando de imediato o seu desenvolvimento cognitivo), mas também o desenvolve tanto no seu desenvolvimento cognitivo como educacional. A proposta utiliza princípios sociológicos para entender o aluno como um ser em constante evolução e construção. Além disso, deve intervir e diagnosticar tanto o desenvolvimento educacional quanto cognitivo do aluno.

Sem diagnóstico, um professor não pode fazer um prognóstico. Somente através da intervenção o diagnóstico pode ser feito e o prognóstico pode ser dado. Por causa disso, criar um prognóstico requer intervenção e intervenção requer diagnóstico. Além disso, os alunos precisam de ambos para processar adequadamente os procedimentos de aprendizagem.

As dimensões fundamentais abaixo oferecem um amplo escopo para as necessidades dos alunos. Porque eles estão amarrados juntos, eles não podem ser separados um do outro. Consequentemente, eles influenciam o processo de aprendizagem, formando uma avaliação e diagnóstico coesos. Isso porque as exigências burocráticas exigem avaliações e diagnósticos periódicos diante da complexidade que se denomina avaliação.

Ao realizar uma avaliação, os professores analisam as dificuldades que os alunos enfrentam e as razões por trás delas, bem como as formas de superá-las. Isso porque, ao utilizarem os conhecimentos adquiridos em seus estudos, podem criar novas situações de intervenção que os ajudem a aprender.

É necessário estabelecer registros e padrões adequados ao analisar um processo educacional. Estes permitem uma avaliação mais precisa e eficaz. Idealmente, esses critérios mediriam o quão bem os alunos atingem vários objetivos educacionais. Como algumas metas planejadas não foram alcançadas, os professores precisariam fazer ajustes quando os alunos enfrentassem dificuldades significativas.

Ao ensinar, é importante entender as características psicossociais, necessidades educacionais e habilidades de seus alunos. Em seguida, você deve desenvolver objetivos para suas aulas que se relacionem com esses aspectos. Além disso, você deve avaliar os conteúdos propostos para garantir



que sejam relevantes para o contexto de seus alunos.

Os professores usam suas ações para promover o aprendizado dos alunos e ajudar todos os alunos a terem sucesso em tudo o que fazem. Eles devem revisar o currículo, criar um plano de curso, planejar estratégias, reunir métodos e materiais e muito mais até que os resultados desejados sejam alcançados.

Os professores criam um ambiente de aprendizado privado quando ensinam em sala de aula. Isso permite que eles conectem sua abordagem pedagógica com os alunos em todos os estágios de desenvolvimento. Por meio desse processo, os educadores podem entender melhor as perspectivas dos alunos e desenvolver métodos de ensino que promovam a compreensão dos alunos. Isso melhora o processo de avaliação para todo o sistema educacional.

A AVALIAÇÃO NA VISÃO DE FELLIE PERRENOUD, CIPRIANO LUCKESI E JUSSARA HOFFMANN

De acordo com Perrenoud (2000) desenvolver uma postura avaliativa, não apenas requer desconstruir e construir a relação entre a concepção e a prática da avaliação como também romper com os paradigmas de classificação, seleção e exclusão ainda tão presentes no sistema atual de ensino.

A ideia de avaliação traz metodologias diferentes, concepções e contextos em que pode está inserida. Mas, o que fundamenta a compreensão dos seus objetivos e procedimentos nos leva a questionar seu lugar no processo de ensino aprendizagem, levando a refletir na relação entre avaliação e construção de conhecimento. Avaliar requer para cada momento específico uma diversidade de instrumentos inseridos numa sistemática metodológica, para o melhoramento do objetivo avaliado na intenção de sua qualidade para não classifica-lo.

Luckesi (2006) em uma entrevista concedida a revista Nova Escola, relata que a avaliação educacional nos dias de hoje, lamentavelmente ainda é tradicional/conservadora, no sentido de que a maioria das escolas promove exames que não são uma prática de avaliação. O ato de examinar elabo-



rado pelas escolas é classificatória e seletiva. Em que a avaliação, ao contrário, se dá como diagnóstico e inclusivo. Os instrumentos aplicados hoje são de qualidade duvidosa onde se corrige provas e conta-se pontos para com base nos resultados concluir se o aluno está aprovado ou reprovado, incluídos ou excluídos. Na visão política-pedagógica essa ação é uma tradição antidemocrática e autoritária, porque é centrada na pessoa do professor e no sistema de ensino, não em quem aprende.

A avaliação é, portanto constituída de instrumentos de diagnósticos gerando uma intervenção no sentido de melhorar a aprendizagem. Se de fato for obtido o aluno certamente será sempre aprovado, tendo adquirido as habilidades e conhecimentos necessários. A avaliação é na verdade inclusiva visto que o aluno vai ser ajudado a prosseguir. Essa concepção político-pedagógico é um ato dialógico por outro lado é para todos os alunos, implicando necessariamente uma negociação entre professor e aluno (LUCKESI, 2006).

Como relata Luckesi (2000) a avaliação classificatória é medida por ênfase na capacidade de reproduzir determinado conteúdo passado pelo professor, onde são considerados bons alunos os de maior capacidade mimética, nessa perspectiva, ela é realizada somente no final do processo de aprendizagem, afim de medir seu resultado, afinal, atuando como instrumento de coleta de nota, que classifica os alunos como bom, médio ou inferior sem levar em conta um processo de reflexão autônomo, não havendo processo do saber, mas, enfocado no avanço dos conteúdos previsto nas unidades do livro.

Neste contexto, segundo Perrenoud (2000) o papel da educação para o qual contribui a avaliação classificatória tem função de fazer dos alunos cópias reprodutoras do que foi ditado pelos professores, sendo realizada apenas no final do processo de aprendizagem, impedindo a trajetória escolar do aluno, se diz também que esse tipo de avaliação possui caráter frenador e que traz dano ao aluno.

Nesta concepção para Luckesi, o professor domestica seus alunos sem contribuir para o desenvolvimento do seu potencial. Os instrumentos de avaliação tem ênfase quantitativa acumulando informações, e as notas finais, são coletadas por meios de provas, que visam apenas aprovar ou reprovar, sem favorecer o crescimento do aluno.



Hoffmann (1994) ressalta a avaliação com finalidade diagnóstica sendo essencial, de forma que o educador consigo ter o feedback do seu ensino para intervir, auxiliando seus alunos a superação de suas dificuldades de aprendizagem, e para o aluno será a base para a reformulação de procedimentos didático pedagógicos durante o processo de ensino aprendizagem.

Este ato de forma investigativa também visto em Hoffman (1994, p.18), na visão da autora, avaliar os resultados é uma prática perigosa e certamente exige uma reflexão antes da ação, [...] a avaliação é a reflexão transformada em ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Nesse sentido, avaliar deixa de ser uma aquisição de notas para os resultados aparentes e passa a ser o caminho pela compreensão e resolução das dificuldades dos alunos.

Pois Hoffman (2003, p. 73): “o que se pretende para a educação infantil? Fundamentalmente um ambiente livre de tensões e limitações. Educadores disponíveis concretamente para acompanhar e oportunizar vivências enriquecedoras”. Para efetivamente auxiliar os alunos em seus processos de aprendizagem faz-se necessário que o professor os conheça, para conseguir acompanhar seu desenvolvimento, possibilitando assim diversas situações de aprendizagens no decorrer desse processo, como diz Luckesi (2011, p. 270):

A avaliação da aprendizagem para cumprir o seu papel, exige essa disposição de acolher a realidade como ela se apresenta, uma vez que a intenção é subsidiar a busca do melhor resultado possível à luz do planejado.

Concorda-se com Hoffmann (2012, p. 83) quando ela afirma que:

No ato avaliativo, a interação educador/educando é sempre subjetiva. O que o professor diz do educando é resultante da relação que estabeleci com este, revelando, por meio da avaliação, suas concepções teóricas e seu maior ou menor acompanhamento individual.

Essa concepção reflete o compromisso do professor com sua profissão, deixando claro que o mesmo precisa estar disposto a mudar os rumos de seus métodos e procedimentos sempre que necessário. Diz Luckesi (2011, p. 277) descrevendo a avaliação também como forma diagnóstica:



Avaliar é diagnosticar e diagnosticar, no caso da avaliação, é o processo de classificar a realidade por meio de sua descrição, com base em seus dados relevantes, e, a seguir pela qualificação que é obtida pela comparação da realidade descrita com um critério assumido como qualidade desejada.

Na visão de Luckesi, os professores que fazem esse diagnóstico sabem que o resultado que certamente se apresentará mais tarde, atribuindo a avaliação feita a partir do seu compromisso com a prática. A avaliação em seu sentido mais amplo, é uma atividade voltada para o cotidiano de uma forma esclarecedora e acolhedora no intuito de promover o processo de aprendizagem, de caráter processual, visando sempre a melhoria do avaliado.

Compete ao professor durante o ato de avaliar, analisar suas práticas metodológicas visando as possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento que possam ser oferecidas aos seus alunos.

Como descrever Hoffman (1993, p.75):

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento. É fundamentada a partir das concepções sobre o desenvolvimento infantil, demonstrando que a criança é um ser histórico e social, que constrói seu conhecimento devendo ser atendidas em suas necessidades imediatas.

No livro Dez competências para ensinar Perrenoud (2000, p.29) mostra a importância dessa avaliação no processo de ensino-aprendizagem:

[...] A partir das concepções dos alunos, dialogar com eles, fazer com que eles sejam avaliados para aproximá-los dos conhecimentos científico a serem ensinados. A competência do professor é, então essencialmente dialética. Ajuda-lo a fundamentar-se nas representações prévias dos alunos, sem se fechar nelas, a encontrar um ponto de entrada em seu sistema cognitivo, uma maneira de desestabilizá-los apenas o suficiente para leva-los a restabelecerem o equilíbrio incorporando novos elementos às representações existentes, reorganizando-as se necessário.



É fundamental esse conhecer, conversar e manter um diálogo constante com os alunos nesse primeiro nível de ensino, onde leva o professor a saber como será a dialética trabalhada com eles. Segundo o pensamento de Luckesi (2011, p. 29):

É preciso compreender quem é o educando e como ele se expressa afim de, consequentemente, definir como atuar com ele seu processo de autoconstrução. A meta é propiciar-lhe as condições a mais adequada possíveis seu acolhimento, o oferecimento de conteúdos e atividades necessárias à aprendizagem e ao desenvolvimento, afetiva avaliação da aprendizagem para que possa desenvolver segundo suas possibilidades e características. Portanto, importa saber como ele é, de modo que saibamos atuar com ele.

É importante ter o olhar para o ato de avaliar nos anos iniciais do ensino fundamental no sentido de acompanhar e organizar métodos didáticos pedagógicos para oferecer atividades que possibilitem os alunos adquirirem habilidades no processo de construção do conhecimento desenvolvido com tudo suas capacidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação precisa ser uma prática com muitas dimensões, e os educadores por sua vez, devem compreender que o ato de avaliar engloba vários aspectos importantes, como a valorização e compreensão do outro, é imprescindível construir um laço afetivo bem como reconhecer que é de fundamental importância conhecer a criança e suas particularidades, para que efetivamente a educação seja transformadora.

Fornecer feedback é uma parte importante do processo educacional, pois dá aos alunos a chance de se recuperar de seus erros e melhorar no momento apropriado. Todos os alunos devem receber avaliações que lhes proporcionem um progresso adequado a cada turno.

Muitos consideram a avaliação como uma ferramenta autoritária com capacidades de mudança. Ainda continua sendo usado como julgamento de certo ou errado por muitos. Por esta razão,



é necessário reconsiderar a definição da avaliação para criar uma plataforma política educacional baseada em princípios pedagógicos e políticos. Isso porque novas técnicas de avaliação são necessárias para formar cidadãos que pensem de forma crítica e criativa.

A avaliação deve ser transformada de uma ferramenta de ensino que se concentra nas falhas para uma que enfatiza o sucesso. Isso incentivará a promoção de oportunidades educacionais para todos os alunos. Como resultado, as mudanças de avaliação devem incorporar a participação de professores e alunos. Isso requer um método de avaliação autêntico, direto e profundo. Por isso, todos os aspectos da educação devem ser incorporados ao processo de avaliação – incluindo a determinação do valor representativo imposto pelas escolas.

Historicamente, a avaliação foi pensada como um conceito ameaçador e autoritário. No entanto, as interpretações modernas acreditam que a avaliação mudou de uma ferramenta autoritária para uma forma de medir o progresso e a aprendizagem do aluno. Essa mudança de perspectiva levou a novos propósitos para esse processo.

Contudo, pode-se dizer que a educação e avaliação estão entrelaçadas ambas andam juntas, o professor deve estar avaliando constantemente e observando os acontecimentos na sala de aula, e construir conhecimentos com seus alunos.

O educador deve repensar cerca da sua prática através da reflexão, gerando oportunidade aos seus alunos para obterem também uma ação reflexiva. O papel do professor inclui sobretudo, a investigação séria da ação física e mental da crianças, proporcionando mediação entre o ensinar e o aprender.

Não seria coerente, portanto, realizar uma prática educativa seguindo uma visão padronizada do desenvolvimento infantil, visto que cada um tem sua história, atitudes e comportamentos variáveis de uma criança para outra.

A mediação do professor no momento avaliativo, a aproximação e o diálogo, são fatores de grande relevância na educação, é, na verdade o acompanhamento da maneira de ser de cada aluno, assim como ser histórico pessoal e familiar. Um professor mediador e familiar. Um professor mediador



se interessa com as aprendizagens de seus alunos, e suas observações são uma aliada de grande valia para seus alunos na construção de seus conhecimentos, e ao observar seus alunos estará apto para reconhecer suas habilidades e identificar suas dificuldades procurando alternativas junto com o aluno.

As escolas precisam considerar tanto os aspectos quantitativos quanto os qualitativos da avaliação, a fim de alcançar uma compreensão precisa do assunto. Eles desempenham um papel necessário na vida de crianças e jovens, incentivando-os a explorar a cultura e o local de trabalho. Esse objetivo socialmente determinado não ocorre espontaneamente em suas vidas; em vez disso, é necessário devido às expectativas da sociedade e ao controle do educador.

Os professores devem desenvolver seus alunos em indivíduos independentes e capazes por meio de uma relação pedagógica que requer condições interdependentes tanto dos ambientes internos dos alunos quanto das influências externas. Os professores também devem criar a estrutura de suas aulas, mas seu objetivo final é permitir que os alunos se desenvolvam de forma autônoma. Uma vez alcançado isso, os professores devem medir os resultados qualitativamente com dados quantificáveis, em vez de qualificá-los comparando-os com padrões predeterminados.

A avaliação dos alunos com base em testes escritos tem limitações significativas. Muitas escolas usam esses testes para avaliar a capacidade dos alunos, em vez de seu conhecimento. Os professores acham difícil avaliar os resultados mais importantes de seu ensino, como compreensão, originalidade e habilidades de resolução de problemas. Isso ocorre porque a maioria dos exercícios em livros didáticos e tarefas dadas pelos professores concentram-se nessas qualidades.

Escolas, professores e pais precisam de provas quantitativas e qualitativas dos resultados de aprendizagem de seus alunos para avaliar o trabalho realizado. Essas ferramentas incluem testes escritos e outros métodos de verificação.

Por mais que um professor se esforce para inculcar motivação em seus alunos, ele nunca conseguirá inspirá-los por conta própria a estudar. As crianças precisam de estímulos externos para exercitar suas energias físicas e intelectuais.

Idealmente, os alunos podem entender os testes educacionais como um reflexo de seu cres-



cimento por meio de realizações tangíveis. Estes incluem exercícios que os ajudam a consolidar seus conhecimentos e habilidades e tarefas que demonstram sua compreensão do assunto. Além disso, os testes objetivos demonstram objetivos e materiais adequados às condições de aprendizagem dos alunos e aos resultados desejados. As histórias ou ensaios também podem ser educativos se os alunos considerarem os objetivos adequados às suas necessidades e o conteúdo for relevante para o seu ambiente de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARREDONDO, S.C. e DIAGO, J.C. Avaliação. educacional e promoção escolar. Curitiba: Ibpex;. São Paulo: Unesp, 2009.

BARRIGA, A. Uma polêmica em relação ao exame. In: ESTEBAN, M. T. (Org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 5. ed. Petrópolis: DP&A, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso e: 10 de nov. 2020.

HOFFMANN, Jussara. A avaliação enquanto mediação. Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1994.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma pratica em construção da pré-escola à universidade. 32ª ed. Porto Alegre, Mediação, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. Avaliação da aprendizagem Escolar. 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Avaliação da Aprendizagem Escolar. São Paulo: Cortez, 2009.



_____. CIPRIANO Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MORETTO, Vasco Pedro, Prova: um momento privilegiado de estudos, não um acerto de contas. Rio de Janeiro – Lamparina, 2010.

RONCA, P. A. C. A prova operatória: contribuições da psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1991.

PERRENOUD, Philippe. Pedagogia diferenciada: das intenções a ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SANMARTÍ, Neus. Avaliar para aprender. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOUSA, S.Z. Avaliação Escolar: constatações e perspectivas. Revista de Educação AEC, Brasília -DF, ano 24,nº 94, p.59-66, jan./mar.,1995.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora. 11. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2010.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. A avaliação na escola. / Benigna Maria de Freitas Villas Boas. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

